

**“FERNANDO PESSOA E HERMANN HESSE – AS FORÇAS  
METAFÍSICAS”**

**João Francisco Regis de Moraes**

Um dia, um homem de fina sensibilidade, percebeu que ninguém é um só. E teve a coragem de declarar-se muitos. Há tempo já havia intuído que não temos apenas uma idade, ou seja, um dia estamos com dez anos pela manhã, talvez com uns vinte e cinco à tardinha; no outro, sentimo-nos com uns cinqüenta anos, como depois com oitenta e tantos e até trezentos.

Assim que, ninguém é um, apenas um.

Ninguém tem uma só idade.

Fernando Pessoa foi alguns e destemidamente assumiu a sua multiplicidade. Mário de Andrade disse que se sentia trezentos, trezentos e quarenta, mas que um dia seria um. Por este dia esperou até morrer.

Noticiemos brevemente que o português Fernando Pessoa resolveu: “Por qualquer motivo temperamental que não me proponho analisar, nem me importa que analise, construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimento e idéias, os escreveria. Assim têm estes poemas de Caieiro, os de Ricardo Reis e os de Álvaro de Campos que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles idéias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem idéias que não aceito, sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é, aliás, como se deve ler.” ( Cfr. “Obra Poética de Fernando Pessoa”, Aguilar, pág. 199 )

Até hoje, contudo, não se conhece um criador — de sentimentos, idéias, imagens, etc. — que não crie “à sua imagem e semelhança”. Posso dar crédito a este depoimento até o nível das decisões conscientes de Pessoa ( que, freqüentemente, são as mais categóricas ilusões ); mas sinto-me inclinado a pensar que, ainda que funcionando como o positivo e o negativo das fotografias, o poeta viveu todos os seus heterônimos. Aliás, qual foi o tempo e o espaço de tais heterônimos ? ora, a própria interioridade de Fernando.

Dentre as diversas “criaturas” de Pessoa, retiremos a exata figura do antimetafísico. Daquele Alberto Caieiro que, ao menos pretendeu ser a primitiva alma que VIVE o mundo e a vida, negando-se a PENSAR sobre estes. Que não conhece Deus, pois todas as manifestações e formas de vida do mundo são deuses, amados no profundo por um politeísmo ingênuo. Nesta crônica, deixaremos em paz Ricardo Reis e o seu bucolismo.

“Creio no mundo como num malmequer,  
 Porque o vejo. Mas não penso nele  
 Porque pensar é não compreender...  
 O Mundo não se fez para pensarmos nele  
 ( Pensar é estar doente dos olhos )  
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...”

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...  
 Se falo da Natureza não é porque saiba o que ela é,  
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,  
 Porque quem ama nunca sabe o que ama  
 Nem sabe porque ama, nem o que é amar...”

( Poema 207 — Alberto Caieiro. )

Creio no mundo porque o vejo. Esta é a posição sensista de Caieiro. Eu não tenho filosofia, diz, e isto nos faz lembrar a afirmação de Aristóteles, segundo a qual a decisão de não se ter uma filosofia só pode ser tomada, na verdade, em nome de uma posição filosófica. Ora, Fernando Pessoa melhor do que ninguém sabia disto, mas mesmo assim, deixou que Caieiro vivesse suas deliciosas contradições. Por que não percebermos que Alberto Caieiro se fez “estóico” ( na pura linha da escola filosófica ) quando escreveu:

“O Mundo não se fez para pensarmos nele/ ( Pensar é estar doente dos olhos )/  
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo” ?

Se não incorro em engano, o grande mago Hermann Hesse realizou aventura filosófico-literária semelhante à de Fernando Pessoa. Só que o primeiro não se “dividiu” claramente em heterônimos, como fizera o segundo. Quem, no entanto, busca o que há de pensamento maciço na trama estética de Hesse, encontra a mais pungente das Filosofias: a que foi vivida com inteira paixão, quase nos fazendo lembrar o título que Mário de Andrade deu a uma das suas obras: “Em Cada Poema há uma Gota de Sangue”. Esforcemo-nos por clarificar este pequeno confronto. Pessoa, de tal forma fez Alberto Caieiro ( o poeta sensista ) diverso de Álvaro de Campos ( o poeta metafísico ) que, embora talvez não o desejasse, fê-los antípodas. Caieiro é mesmo a encarnação do artista, mordido pelas formas, subvertido pelas paisagens, carregado ao êxtase pelas cores e pelas carnes. Ele quer beber a natureza como se esta fosse cintilante, deliciosa e cheia da frouxa doação de um copo d’água. Como lemos atrás, o poeta se define: “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”

Já Álvaro de Campos escreve:

“Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor,  
E é com minhas idéias que tremo, com a minha consciência de  
mim.

Com a substância essencial do meu ser abstrato  
Que sufoco de incompreensível,  
Que me esmago de ultratranscendente,  
E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,  
Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir !

Cárcere do ser, não há libertação de ti ?  
Cárcere de pensar, não há libertação de ti ?

( Poema 515 de Álvaro de Campos — trecho ).

Aqui ouvimos os trovões da inteligência sobre o abismo e o caos. A consciência de si aponta para o ultratranscendente, mas ante o silêncio das coisas universais, Campos confessa: “( é ) Com a substância essencial do meu

ser abstrato/ Que sufoco de incompreensível..." Álvaro de Campos anela por transpor as aparências, por rasgar o cenário do mundo físico e enxergar mais além, mais profundo, as regiões metafísicas onde talvez as razões se reúnam para planejar a animação deste joguinho das ininteligibilidades.

Semelhantemente, Hermann Hesse pôs-se a escrever seu majestoso romance "Narciso e Goldmund". No princípio da estória, ambos eram seminaristas: Narciso, o homem de pensamento, parecia mal perceber os apelos e mensagens da natureza. Formas ? cores ? sensações ? convites eróticos ? Coisas todas que naturalmente se derretiam no cadinho daquela mente filosófica, desmedidamente voltada para a criação de jóias espirituais não visíveis. Já o bom menino Goldmund permanecia inquieto no reduto das meditações. Formas ? cores ? sensações ? convites eróticos ? estas eram as coisas que realmente existiam para Goldmund.

Separaram-se. Aconselhado pelo próprio Narciso, que escolhera realizar suas buscas vitais pelos caminhos salientes da filosofia e da fé, Goldmund foi-se da casa religiosa para a exploração exaustiva do mundo, para a saciação dos mordentes apetites. Fez-se um notável artista da escultura e, sempre fiel à amizade que os uniu, esculpiu uma imagem magicamente espiritual: Narciso. O artista, subjugado pelos sentidos, sofre, faz sofrerem, torna-se consolo de gentes humildes e também assassino. Narciso, se os conhecesse, repetiria os versos de Álvaro de Campos: "É com minhas idéias que tremo, com a minha consciência de mim". Após caminhadas, baques, vitórias, reverses, Narciso e Goldmund reencontram-se. O segundo está velho, exausto e prestes a morrer; mas Narciso o ama ainda com maior intensidade. Afinal, no fundo da realidade, quem não ama assim a sua contra-imagem ? O pensador, por se haver poupado mais, ainda está mais forte e acaba sobrevivendo ao hedonista. Mas Hesse deixa-nos sentir que, cada qual por sua via, ambos haviam chegado a estados a idéias bem semelhantes.

Caber-nos-á, a nós leitores, a descoberta de que Narciso e Goldmund eram o mesmo Hermann Hesse revivendo-se, eram suas duas faces mais cintilantes da interioridade. Este doce conflito entre o pensar e o sentir.

Em vez de heterônimos, personagens. Isto para Hesse. Para Fernando Pessoa: personagens e heterônimos.

O que realmente nos chama a atenção é que, afinal Caieiro e Campos, acabam ambos num mesmo ponto metafísico. Isto mesmo. Já lemos atrás o grito desesperado do pensador que se debate entre a inteligência, a consciência, o Ser, o Ultra-ser. e o pensar. Agora vejamos a revolta apenas murmurada de Alberto Caieiro:

“Tu, místico, vês uma significação em todas as cousas.  
para ti tudo tem um sentido velado.  
Há uma cousa oculta em cada cousa que vês.  
O que vês, vê-lo sempre para veres outra cousa.

Para mim, graças a ter olhar só para ver,  
eu vejo ausência de significação em todas as cousas;  
Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada  
Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação”.

( Poema 269 — A. Caieiro )

Há uma aparente tranqüilidade nos dois últimos versos deste poema. Quantos estariam dispostos a acreditar nela, depois da afirmação: “eu vejo ausência de significação em todas as cousas” ?

Agora desejo mostrar-lhes que Alberto Caieiro, Álvaro de Campos, Narciso e Goldmund foram gritando, no íntimo dos seus criadores, até o fim da vida. Vejamos o último poema terminado por Hermann Hesse à véspera de sua morte:

“Do galho quebrado, lascado,  
balançando ano após ano,  
range seca a canção do vento;  
sem folhas, sem casca,  
pelado, descolorido, cansado  
de viver em demasia  
de morrer em demasia.

Seu canto soa duro e insistente;  
soa arrogante, ocultando o medo.

Outro verão ainda,  
outro comprido inverno”.

E um poema escrito por Fernando Pessoa ( assinado por Fernando mesmo ), em seus últimos anos de vida:

“Pálida sombra esvoaça  
Como só fingindo ser  
Por entre o vento que passa  
E altas nuvens a correr.

Mal se sabe se existiu,  
Se foi erro tê-la visto,  
Sombra de sombra fluiu  
Entre tudo de onde disto.

Nem me resta uma memória,  
É como se alguém confuso  
Se não lembrasse da história.”

Hoje chegaram-me estas idéias que reúnem diversos nomes. Uns reais, outros fictícios ( só enquanto nomes ). E tudo me veio, estou certo, porque meditava em quão impossível se mostra a escamoteação das inquietações metafísicas. Em ambos os casos comentados, quando se frisou a finitude, estabeleceu-se sua contra-imagem: a infinitude. E quando o sentimento do infinito da vida e da pequenez do vivente explodiu, tudo fazia presente a melancolia do finito. No epílogo das duas vidas ( de Hermann e de Pessoa ), estão presentes, de belíssima forma, o sensista e o introspectivo. Hermann, como o faria Goldmund, sente-se um galho seco, uma coisinha da natureza, mas que balançava sobre a inquietação e o medo do inverno. O exterior torna plástico o interior. Pessoa, nos moldes de Caieiro, é uma sombra que esvoaça entre nuvens que passam, a correr. Também este aguarda inquieto o inverno, que faz as sombras e nuvens rolares medrosamente pelas goelas do azul.

Platão, Shakespeare, Goethe — nenhum foi poeta porque era filósofo e nem o contrário. Foram completos porque eram completamente as

duas coisas. Um cientista norte-americano disse: "Onde começa a beleza, o meu pensamento pára". Mas, graças a Deus, Gabriel Marcel e Miguel de Unamuno já haviam mostrado que nem toda impotência define as possibilidades de todos os homens.